



escondendo minha participação em assaltos a bancos. O "interrogatório" reiniciou para que eu confessasse os assaltos: choques, ponta-pés nos órgãos genitais e no estômago, palmatórias, pontas de cigarro no meu corpo. Durante cinco horas apanhei como um cachorro. No fim, fizeram-me passar pelo "corredor polonês". Avisaram que aquilo era a estréia do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quizeram-me deixar de-
pendurado toda a noite no "pau-de-arara". Mas o Capitão Albernaz obje-
tou: "não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar mar-
cas visíveis". "Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valen-
tia".

Na cela eu não conseguia dormir. A dor crescia a cada momen-
to. Sentia a cabeça dez vezes maior do que o corpo. Angustiava-me a
possibilidade de os outros padres sofrerem o mesmo. Era preciso pôr um
fim àquilo. Sentia que não iria aguentar mais o sofrimento prolonga-
do. Só havia uma solução : matar-me.

Na cela cheia de lixo, encontrei uma lata vazia. Comecei a
amolar sua ponta no cimento. O preso ao lado pressentiu minha decisão
e pediu que eu me acalmasse. Havia sofrido mais do que eu (teve os tes-
tículos esmagados) e não chegara ao desespero. Mas no meu caso, trata-
va-se de impedir que outros viessem a ser torturados e de denunciar à
opinião pública e à Igreja o que se passa nos cárceres brasileiros. Só
com o sacrifício de minha vida isto seria possível, pensei. Como ha-
via um Novo Testamento na cela, li a Paixão Segundo São Mateus. O Pai
havia exigido o sacrifício do Filho como prova de amor aos homens. Des-
maiei envolto em dor e febre.

Na sexta-feira fui acordado por um policial. Havia a meu la-
do um novo preso: um rapaz português que chorava pelas torturas sofri-
das durante a madrugada. O policial advertiu-me: "O senhor tem hoje e
amanhã para decidir a falar. Senão a turma da pesada repete o mesmo
pau. Já perderam a paciência e estão dispostos a matá-lo aos pouqui-
nhos". Voltei aos meus pensamentos da noite anterior. Nos pulsos, eu
havia marcado o lugar dos cortes. Continuei amolando a lata. Ao meio
dia tiraram-me para fazer a barba. Disseram que eu iria para a peni-
tenciária. Raspei mal a barba, voltei à cela. Passou um soldado. Pedi
que me emprestasse a "gillete" para terminar a barba. O português dor-
mia. Tomei a gillete. Enfiei-a com força na dobra interna do cotove-
lo, no braço esquerdo. O corte fundo atingiu a artéria. O jato de san-
gue manchou o chão da cela. Aproximei-me da privada, apertei o braço
para que o sangue jorrasse mais depressa. Mais tarde recobrei os sen-
tidos num leito do pronto-socorro do Hospital das Clínicas. No mesmo
dia transferiram-me para um leito do Hospital Militar. O Exército te-
mia a repercussão, não avisaram a ninguém do que ocorrera comigo. No
corredor do Hospital Militar, o Capitão Maurício dizia desesperado a-
os médicos: "doutor, ele não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fa-
zer tudo, senão estamos perdidos". No meu quarto a OB deixou seis sol-
dados de guarda.

No sábado teve início a tortura psicológica. Diziam: "A si-
tuação agora vai piorar para você, que é um padre suicida e terroris-
ta. A Igreja vai expulsá-lo". Não deixavam que eu repousasse. Falavam
o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas histórias. Percebi logo
que, afim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem,
queriam que eu enlouquecesse.